

PROJETO DO QUINQUÊNIO 2017-2021 – RUMO AO JUBILEU DE OURO

Introdução

1. Nesta 35ª Assembleia Diocesana queremos dar início a uma caminhada de unidade rumo ao Jubileu de Ouro de nossa Diocese que será celebrado em 2021. Para isso, achamos por bem, que todas as lideranças vivas e atuantes de nossa Igreja Particular pudessem contribuir nesse processo de elaboração de um projeto de planejamento desse período que antecede nosso Jubileu.
2. Foi nesse sentido, que desde quando iniciamos o ministério episcopal à frente da Diocese do Rio Grande tivemos a preocupação de formar os Conselhos Diocesanos, de modo que fosse garantido um planejamento representativo e participativo com discussões e aprofundamento em todas as instâncias.
3. Agora, finalmente chegamos, na festa de Cristo Rei, e nesse momento oportuno, reunidos em Assembleia como família e povo de Deus queremos aprovar o Projeto do Quinquênio, que traz, de maneira geral, os fundamentos, as motivações e algumas setas que nos conduzirão nesta caminhada rumo ao nosso Jubileu de ouro.
4. Essa Assembleia Diocesana é um sinal concreto de que nossa Igreja Particular quer continuar a ser discípula e missionária, profética e misericordiosa, renovando mais uma vez nossa profissão de fé em Jesus Cristo e nossa total adesão e fidelidade ao seu projeto de amor.
5. O Santo Padre, o Papa Francisco, escolheu esta data de 20 de novembro, na Solenidade de Cristo Rei para fechar a Porta Santa. Para nós, esse é mais um sinal da graça de Deus que nos permite dar continuidade ao espírito jubilar que agora abre uma outra porta na nossa Igreja Diocesana do Rio Grande. Os ecos do ano extraordinário da Misericórdia agora se estenderão pelo nosso chão, pelas nossas paróquias e comunidades onde todos poderemos abrir as portas para que a misericórdia de Deus agora atue diretamente nos preparativos para celebrarmos os 50 anos de evangelização, desde a criação da Diocese.
6. Vemos como Deus nos proveu um Ano Santo extraordinário como preparação para vivermos mais intensamente o nosso Jubileu de Ouro. Assim nos motiva o Santo Padre: *“Naquele dia, ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça. Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à Realeza de Cristo, para que derrame a sua misericórdia, como o orvalho da manhã, para a construção de uma história fecunda com o compromisso de todos no futuro próximo”* (MV 5).

7. É com essa motivação que nos comprometemos a adubar essa terra e a fecundar nossas águas para que a Vida de Deus, Vida em plenitude (Jo 10,10), possa acontecer segundo Sua vontade (Mt 6,10) e misericórdia (Lc 6,36).
8. Portanto, nesse tempo favorável para nossa Diocese do Rio Grande, somos chamados a testemunhar nossa fé em Jesus Cristo e nossa unidade como Igreja discípula e missionária. Como *Igreja em saída* (EG 24) queremos iniciar nosso itinerário rumo ao Jubileu de Ouro da Diocese do Rio Grande como uma grande família a preparar a festa dos 50 anos de evangelização nesta Igreja Particular. Vamos agradecer o passado, viver com alegria o presente e pedir forças para perseverar no futuro tendo São Pedro como protetor e Nossa Senhora de Fátima nos conduzindo ao seu Filho Jesus.

+ Ricardo Hoepers
Bispo Diocesano do Rio Grande

Os nossos Objetivos

9. A Igreja Diocesana do Rio Grande assume com todo o empenho e disposição de unidade o Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil: ***“Evangelizar, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da Evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”*** (DGAE 2015-2019).
10. Renovamos, também, com todo ardor e empenho pastoral, o Objetivo Geral e Objetivos Específicos da Igreja do Rio Grande que foram aprovados na 34ª Assembleia - “SER IGREJA VIVA E MISERICORDIOSA”, em novembro de 2015: **Geral - “Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, para que todos tenham vida”** (XIV Plano de ação Evangelizadora 2016). **Específicos** – 1) Desenvolver na Diocese uma eclesiologia de comunhão e participação, possibilitando o envolvimento de todos os seus fiéis no processo evangelizador com objetivos e metas comuns (aprofundar a pertença à Diocese); 2) Propor um processo de conversão pessoal e pastoral, que supere a pastoral de conservação em vista da revitalização das comunidades eclesiais (pequenas comunidades); 3) Abrir perspectivas para uma Igreja verdadeiramente missionária e participativa que garanta a sua presença no mundo e responda às necessidades do nosso tempo e faça da Igreja uma comunidade acolhedora e promotora da Vida em todas as dimensões.
11. Para fecundar nossa missão eclesial e nos prepararmos para nosso Jubileu, nos propomos a priorizar as cinco urgências na evangelização, uma a cada ano, dentro do nosso processo de planejamento eclesial, já que *“elas são o elo entre tudo o que se faz em termos de evangelização no Brasil”* (DGAE 31): 1ª) Conversão pastoral em vista de uma “Igreja em Saída”; 2ª) Processo da iniciação à vida cristã com uma catequese de inspiração catecumenal; 3ª) Discipulado missionário centrado na palavra de Deus; 4ª) Revitalização das pequenas comunidades em vista de uma “Nova Paróquia: Comunidade de Comunidades”; 5ª) Igreja Profética e misericordiosa a serviço da vida.

Jubileu: tempo de celebrar e renovar a vida

12. Na organização dos dias, meses e anos o ser humano necessita de tempos especiais em que possa recomeçar a vida e rever as relações. Isso porque estruturas de pecado e injustiça se infiltram nas estruturas da sociedade e da religião. **A celebração de um Ano Jubilar** tem a função de propor às pessoas um recomeço, conferindo a toda nova situação de vida. Como em nossa diocese alguns anos nos separam do Ano Jubilar, é pertinente que vejamos como essa tradição foi se desenvolvendo ao longo do Antigo Testamento e como Jesus se apropriou dela em sua missão. Assim, nossas comunidades também criarão uma saudável expectativa para celebrar os **cinquenta anos da Diocese** do Rio Grande, tempo de graça e Boas-Novas.
13. **O Sábado** surge como instituição para o descanso. Ele é questão de justiça: como Deus descansou, todos devem descansar (Ex 34,21; 23,12, por exemplo). Com o passar do tempo o sábado serve para recordar a libertação através do Mar Vermelho, tornando a Páscoa memorial de salvação dos hebreus (Dt 5,12-15). Durante o exílio, os exilados reivindicavam um dia livre para reconstruir sua consciência e sua fé, uma vez embrutecidos pelo trabalho escravo. “O sábado era importante para reconstruir-se como pessoa e reconstruir sua identidade como Povo de Deus”. Depois do exílio, o sábado foi ligado ao culto e cessavam-se as atividades para poder prestar culto a Deus, ao menos nas sinagogas: não se trabalhava para poder realizar o culto.
14. Como o sábado, o **Ano Sabático**, foi instituído para ser celebrado a cada sete anos, servindo também para o descanso da terra, dos escravos. Aqui o descanso tem profunda relação com a liberdade. Posteriormente, Dt 15,1-18 fala do perdão das dívidas e da libertação de escravos, regra difícil de ser cumprida ao longo da história.
15. Após o exílio, aqueles que voltam têm como meta reconstruir o Templo, Jerusalém e as instituições do passado, a fim de preservar a identidade nacional. O profeta Isaías (56 – 66) se opõe a esse projeto por entender que o anúncio de boas notícias aos pobres deve ser a prioridade. Ou seja: a reconstrução da vida do povo é o objetivo do **Ano Jubilar** (cf. Is 61,1s)! Esse ano se prescreve depois de sete anos sabáticos (7 x 7 = 49). Assim, o ano 50 é ano de libertações e profundas transformações estruturais.
16. **Resumindo:** O Sábado, o Ano Sabático e o Ano Jubilar, expressam o desejo de Deus entrar na história humana. Seu ingresso no tempo e no espaço tiram a vida e a rotina da mesmice: trata-se de um *Kairós*. As estruturas opressoras que desumanizam os seres humanos quando tocados por Deus são transformadas em geradoras de vida nova! Tudo é restaurado para a liberdade!
17. O evangelho de Lucas e a teologia desenvolvida em Atos dos Apóstolos se apropriam da imagem do Ano Jubilar para narrar a ação de Jesus, que inaugura um novo tempo! Ao narrar o início da atividade pública de Jesus, Lucas no-lo apresenta na sinagoga de Nazaré proclamando o **Ano da Graça**, no hoje deles (Lc 4,16-21)! Ou seja, assim como o profeta Isaías, Jesus não priorizará reconstruir estruturas materiais ou colocar o

homem a serviço do sábado. Sua ação em prol do Reinado de Deus é o início de um tempo novo, em que as relações entre as pessoas e com Deus ganham novo sentido!

18. Sob essa imagem, **o texto de Isaías é programático**: todas as ações de Jesus podem ser entendidas quando lidas à luz do texto vetero-testamentário. As bem-aventuranças (6,20-23), a resposta a João Batista, que faz rever a prática de Jesus (7,18-23), a missão dos doze (9,1-6) e dos Setenta e Dois (10,1-20), a multiplicação dos pães (9,10-17), o Evangelho revelado aos pequeninos e não aos sábios e entendidos (10,21-24), a oração ensinada (11,1-4), o abandono à providência (12,22-34), a história de Zaqueu (19,1-10), as novas imagens com que Jesus ensina (10,30-37; 11,5-11; 14,7-24; 15,1-32...) consistem em alguns exemplos disso.
19. A feliz proclamação feita por Jesus atinge sua plenitude e cumprimento em sua **Páscoa**! Nela uma nova vida descortina-se primeiramente a Jesus, como em primícias. Depois, a todos os que, pelo batismo, associam-se a ele. Os cristãos ou discípulos de Jesus vivem como ele viveu, isto é, a vida nova da graça irrompe neles como um tempo novo que se cumpre não apenas no céu, mas desde já, aqui na terra.
20. Para isso, no dia **50 após a Páscoa**, Jesus envia de junto do Pai o Espírito Santo. Com isso, assim como Jesus proclamou, no início de sua missão, estar ungido pelo Espírito Santo, seus discípulos também o são no nascimento da Igreja (cf. At 2,1-11). O vento impetuoso e o fogo são sinais da presença do Paráclito. Terminada a pregação de Pedro no dia de Pentecostes (At 2,14-36), surge a pergunta natural: “Que devemos fazer?” (At 2,37). A resposta aponta para a conversão e o batismo. Estamos, novamente, diante da tradição jubilar, a qual é profética e libertadora. O Espírito Santo inaugura novo tempo na história da humanidade. A conversão (mudança de mentalidade e paradigmas) e o batismo (ingresso num outro modo de vida, semelhante ao de Jesus) sinalizam isso.
21. **As primeiras comunidades** (2,42-47) vivem as exigências do Jubileu em seu cotidiano, de modo que são fortemente marcadas por um “diferencial” que as caracteriza. Os quatro pilares que as mantêm são: (1) o ensinamento dos apóstolos, (2) a comunhão (bem unidos), (3) a fração do pão e (4) a oração. Como consequência desse modo de vida, no qual as relações (entre as pessoas e com Deus) são resgatadas, encontramos a estima das pessoas em geral pelos cristãos e o crescimento da comunidade: “Vede como eles se amam” (S.Tertuliano). Deus abençoa largamente os que praticam sua vontade.
22. **Concluindo...** À medida que se aproximava a celebração do Jubileu, as pessoas iam criando uma expectativa de mudança de vida. Um tempo de graça se aproximava. Deus atuaria em breve! Estamos próximos de um novo tempo, desde de que deixemos nossa mentalidade mudar, transformada pela luz e força do Espírito Santo. A Igreja no Brasil, nesta perspectiva, nos aponta cinco urgências (DGAE 74-127) para entrarmos num novo modo ser Igreja: (1) Igreja em estado permanente de missão; (2) Igreja: casa da iniciação à vida cristã; (3) Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; (4) Igreja: comunidade de comunidades; (5) Igreja a serviço da vida plena para todos. Diante de tantos e tão grandes desafios, também nós devemos nos perguntar: “Que

devemos fazer?”. Somente assim, nós também teremos o que celebrar e com que nos rejubilar em ocasião dos **Cinquenta anos da Diocese do Rio Grande!**

A nossa História

23. Num esforço para implementar a soberania lusitana na região, em vista da rivalidade entre os impérios português e espanhol, a coroa portuguesa promoveu no século XVIII a imigração de colonos provenientes dos Açores e da Ilha de Madeira para a área da agora cidade do Rio Grande, iniciando a formação da Vila de São Pedro. Um povo muito católico, logo tratou de construir uma capela e, em 6 de agosto de 1736, em uma provisão da Diocese do Rio de Janeiro, foi criada aí a primeira Paróquia do atual território do Rio Grande do Sul. A cidade de Rio Grande foi fundada um ano depois, em 1737. O prédio da atual Catedral de São Pedro foi construído em 1755, sendo o mais antigo do Estado ainda em funcionamento. A princípio a paróquia pertencia à Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, passando a pertencer em 7 de maio de 1848 à recém-criada Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul em Porto Alegre e em 15 de agosto de 1910 à diocese de Pelotas.
24. Em 27 de maio de 1971, com a Bula **Cum Christus** do Papa Paulo VI, foi instalada a Diocese do Rio Grande e a Matriz foi elevada à condição de Catedral (*Cum Christus, Dei Filius, apostolos suos hoc praecipuum iusserit, ut, euntes in mundum universum, Evangelium salutis hominibus inferrent, qui credendo, praeceptisque obtemperando immortalitatem adipiscerent* cfr. Mc. 16, 15, AAS LXIII, 1971, 808). Dom Frederico Didonet foi nomeado seu primeiro bispo com a Bula Pontifícia *Quando quidem Episcopi* de 14 de julho de 1971 (*die 14 Iulii. — Cathedrali Ecclesiae Rivograndensi, noviter erectae, R. P. D. Fridericum Didonet, Vicarium Episcopalem in dioecesi S. Mariae, AAS LXIII, 1971, 781*). No dia 12 de setembro de 1971 houve a missa de ordenação episcopal de Dom Frederico Didonet e sua Posse Canônica como primeiro Bispo Diocesano ficando a frente da Diocese até 08 de agosto de 1986. Faleceu no dia 04 de outubro de 1988. Seu sucessor foi Dom José Mário Stroehner, nomeado Bispo Auxiliar de Porto Alegre em 25 de março de 1983 pelo Papa João Paulo II, e ordenado bispo no dia 24 de junho de 1983, ficando à frente da Diocese de 08 de agosto de 1986 até 17 de fevereiro de 2016. O terceiro Bispo Diocesano é Dom Ricardo Hoepers, presbítero da Arquidiocese de Curitiba, nomeado pelo Papa Francisco em 17 de fevereiro de 2016. Ordenado Bispo em Curitiba no dia 14 de maio de 2016 iniciou seu ministério episcopal na Diocese do Rio Grande em 03 de junho de 2016.
25. A Diocese do Rio Grande pertence ao Regional Sul 3 da CNBB e a Província Eclesiástica de Pelotas, juntamente com a Diocese de Bagé. Situa-se a sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como limites o Oceano Atlântico, Uruguai, Arquidiocese de Pelotas (RS) e a Diocese de Osório (RS). Tem uma superfície geográfica de 12.001,1 km². População de 277.178 hab., com uma densidade demográfica de 23 hab./km². São 6 municípios: Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, Mostardas, Tavares, Chuí.

A nossa Igreja Diocesana

26. Quão grande foi a providência divina que nos proporcionou “um tempo favorável” de conversão e de experiência mais profunda da misericórdia de Deus com a abertura do Jubileu extraordinário realizado pelo Papa Francisco. Na Bula *Misericordiae vultus* o Papa nos diz que “há momentos que somos chamados, ainda de maneira mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia para nos tornarmos nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai”. Para ele este é um tempo favorável para a Igreja a fim de que nosso testemunho seja mais forte e eficaz.
27. Esta grande motivação eclesial acontece exatamente no momento em que, na Diocese do Rio Grande, inicia-se um processo de renovação com o vislumbrar do Jubileu de 50 anos da sua criação que será celebrado em 2021. Não é mera coincidência que entremos nesta motivação, pois também a providência de Deus nos mostra que a motivação do Papa Francisco para a abertura do Jubileu foi dada exatamente na comemoração dos 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II: *“Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai (MV 4).*
28. O Jubileu da criação da Diocese do Rio Grande será um momento privilegiado para reavivar o mesmo sopro do Espírito que impulsionou o Vaticano II, já que esta Igreja Particular nascia nos primeiros anos de vitalidade do Concílio e alimentou-se daquela nova etapa da evangelização. A Bula *Cum Christus* (1971) que criara a Diocese do Rio Grande trazia consigo a citação de Mc 16,15: “Ide pelo mundo, pregai o Evangelho a toda criatura”. No decurso dessas cinco décadas passaram dois grandes pastoralistas que se alimentaram do espírito do Concílio, Dom Frederico Didonet e Dom José Mário Stroehrer. O primeiro tinha em suas mãos o desafio de tornar essa parte geográfica e extrema do sul do país em uma Igreja que fosse capaz de entrar na dinâmica da renovação exigida pelo Concílio. Com escassez de recursos e carência de lideranças, Dom Didonet foi um artesão de primeira qualidade que soube moldar um rosto eclesial para uma região dispersa geográfica e espiritualmente. Conquistou o coração do povo e investiu na formação dos leigos. Dom José Mário Stroehrer teve um papel fundamental na organização eclesial da Diocese. Colhendo os frutos de Dom Didonet apontou sua linha para um mergulho na evangelização criando comunidades e dando ao rosto eclesial da Diocese um perfil renovador. Teve grandes desafios como o de organizar a formação dos presbíteros e a sede administrativa da Diocese. Não mediou esforços em dedicar-se para tornar a Diocese uma Igreja viva, atuante e presente dentro da Província e do Regional Sul 3.

29. Eis que agora, com o início do episcopado do terceiro Bispo, Dom Ricardo Hoepers, no Jubileu da misericórdia, a Igreja do Rio Grande se propõe a olhar para o seu passado, reavivar o seu presente e preparar-se para o seu futuro, de modo a fazer ecoar a voz de uma Igreja viva que precisa evangelizar: testemunhar o Evangelho como discípulos e missionários de Jesus Cristo, nesta Igreja Particular.
30. O Concílio Vaticano II expressou com veemência esta concepção quando descreveu “a Igreja Peregrina” como “missionária por natureza (AG 2): essa é sua vocação própria, sua identidade mais profunda (EN14), sua razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade (cf. DPb 1145, RMI 2). Somos chamados a “estar em saída” pois dizer-se Igreja é dizer-se em missão e assumir este papel com todas as forças vivas da diocese: “a Igreja nasce da missão e existe para a missão: existe para os outros e precisa ir a todos” (DGAE 2011, 76).
31. Dessa forma, queremos retomar a mensagem da V Conferência latino-americana em Aparecida que convocou a todos para vivermos “um estado permanente de missão (DAp 551). Queremos relançar essa perspectiva de missão, iluminados pela Bula da criação da Diocese, na qual, o Papa Paulo VI escolheu como fundamento o mandato missionário de Jesus a todos nós (Mc 16,15). Também impulsionados pelo Documento de Aparecida que nos chama para a fidelidade e audácia da missão da Igreja nas novas circunstâncias e acreditar que isso será possível nas nossas paróquias e comunidades à medida que nos convertemos de uma pastoral de manutenção para uma verdadeira e profunda evangelização como discípulos missionários.
32. Nosso ponto de partida e nossa fonte é Jesus Cristo. Nele está tudo o que a Igreja é e tudo o que ela crê (DV 8). Retomar a Bula **Cum Christus** é reafirmar nossa disposição de seguimento a Ele, de modo que, na comunhão eclesial façamos a experiência de discípulos e missionários em busca de uma verdadeira conversão pessoal e pastoral. A inspiração do Papa Paulo VI para criação da Diocese do Rio Grande convocando para a missão é um sinal concreto do desafio permanente que a Diocese tem: criar comunhão eclesial testemunhando a fé em Jesus Cristo em suas comunidades e, ao mesmo tempo, ser uma Igreja em saída: “Naquele ‘ide’ de Jesus estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja e, hoje, todos somos chamados a esta ‘nova saída’ missionária” (EG 20).
33. Só poderemos avançar para uma Igreja em saída através de uma conversão eclesial. O n.12 do Estudo Missão e cooperação missionária, da CNBB nos aponta os caminhos para essa conversão: “... a Igreja necessita de forte comoção que impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente (DAp 362). A conversão Pastoral e a renovação missionária da qual fala o Documento de Aparecida, refere-se substancialmente a reencontrar uma saída destemida contra todo tipo de acomodação: ‘trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança, à missão de toda Igreja’ (DAp 363), abandonando estruturas caducas (DAp 365), transformando as pessoas (DAp 366), assumindo relações de comunhão (DAp 368), adotando práticas pastorais missionárias (DAp 370), projetando-se além-fronteiras (DAp 376). Esta é a

beleza e o desafio da vocação cristã: amadurecer na fé reinventando-se e desinstalando-se continuamente, saindo ao encontro dos outros até os confins da terra, deixando-se interpelar por novas situações, novas culturas e novas problemáticas” (CNBB, estudos 108).

34. Portanto, para a Igreja Particular do Rio Grande com suas características particulares e pela sua singularidade é necessário entender seu quadro social complexo e a diversidade de seus interlocutores para levantar quais os elementos estruturantes da sua identidade eclesial. O projeto do quinquênio que antecede o Jubileu dos 50 anos da criação da Diocese quer ter como chave de leitura a missionariedade das atividades pastorais desdobrando-a em projetos que levem em conta as forças vivas da Diocese, mas também seu contexto e circunstâncias específicas que compõe a realidade eclesial.

A realidade a ser transformada para celebrar o Jubileu

35. **Nossa igreja diocesana do Rio Grande**, apesar de ser jovem por sua fundação (1971), vive constantemente entre fronteiras, quer de natureza religiosa, quer de caráter social ou cultural. Na fronteira com o Uruguai, entre a terra e o mar, entre o urbano e o rural, entre a agricultura e a pesca, entre a pobreza e o desenvolvimento. Uma igreja, portanto, que gerada no útero da religiosidade devocional da fé dos colonos portugueses, nasceu em meio às ambiguidades e distorções de crenças de matrizes africanas, paulatinamente sincretizadas às religiosidades do catolicismo.
36. Nesse sentido, a **(a) religiosidade popular-devocional** pode ser considerada como força hegemônica religiosa na igreja diocesana. Sem dúvida que ela forma um dos traços predominantes de nossa religiosidade e Aparecida nos desafia a valorizar esse aspecto na evangelização. Na vida eclesial e pastoral, tranquilamente, constatamos suas influências, ainda que se tenha perdido um pouco daquela antiga efervescência, devido ao **crescente indiferentismo religioso e a supressão do transcendente da vida pessoal e social dos nossos católicos**.
37. Além disso, torna-se plausível reconhecer que, em grande medida, a vida eclesial e pastoral, de muitas de nossas igrejas, concentra-se em função da **(b) administração dos sacramentos**, frequentemente reduzidos a ritos vazios e mágicos ou às convenções sociais, totalmente desvinculados da vida eclesial. Por fim, outro determinante da vida comunitária-pastoral, surge da frágil **(c) manutenção de nossas grandes estruturas eclesiais**, em que muitas vezes o social (estruturas de salões, por exemplo) é privilegiado em detrimento do religioso (capelas e igrejas). O dízimo, nesse sentido, não é priorizado.
38. **A igreja diocesana, na fronteira entre o catolicismo português e o sincretismo afro-católico**, desenvolveu-se às margens da mística e da espiritualidade popular-devocional, profundamente ancorada em crenças e devoções populares, tanto aquelas herdadas do catolicismo açoriano quanto, por vezes, aquelas de matrizes africanas, na

medida em que eram camufladas, nos ritos e nas imagens católicas, as crenças e os rituais religiosos dos escravos, batizados por coerção. Assim, **simultâneo às crenças do catolicismo, negros e brancos, igualmente, sob as sombras da religiosidade popular, transitavam das religiões-afro (candomblé, umbanda, etc) ao catolicismo (e vice-versa)**, deslocando as fronteiras religiosas, antes, bem delimitadas pela teologia do batismo, contudo, empobrecida culturalmente pela transposição de seu núcleo eclesial (pertença religiosa) para o sociocultural (convenção social). Se é religioso sem a necessidade de uma religião.

39. Daí, já se percebe, alguns outros determinantes de **uma mentalidade religiosa, visivelmente fragmentada e ambígua, frequentemente encontrada no cotidiano de nossos católicos**. Nota-se, sobretudo, tal mentalidade, durante as manifestações e associações devocionais sincréticas, presentes em algumas festas religiosas. Nestas festas, por exemplo, numerosos católicos (na maioria, só de batistério, p. ex. católico-de-candomblé), ainda que devotados, reúnem-se numa só manifestação devocional, porém sem nenhuma clareza de distinção. **O que importa é crer, não no que se acredita**. Isso justifica, sem dúvida, aquela **dupla-pertença religiosa, constatável no cotidiano de fé de nossos católicos**. Ou seja: durante o dia, nossos católicos, facilmente podem ser encontrados dentro de nossas igrejas, entretanto, durante noite, os mesmos católicos, podem ser identificados nos centros espíritas ou nas encruzilhadas... Uma religiosidade difusa: deslocam-se para todos os centros religiosos, sem se fixar em lugar nenhum. Daí se percebe: **uma fé católica confusa, frágil e fragmentada, vazia de seu conteúdo eclesial**, no imaginário religioso de nossos católicos, às vezes, até de lideranças.
40. Na Diocese do Rio Grande, além de uma mentalidade religiosa devocional-sincrética, **outra relação complexa sucede da relação fragmentada com sacramentos**, frequentemente desvinculados de sua dimensão eclesial e, em muitos casos, restritos às dimensões periféricas da fé, alimentando, muitas vezes, até uma fé individualista. Os sacramentos não raramente são buscados com fins terapêuticos, na busca de proteção individual. Neste caso, muitos dos nossos sacramentos, em grande parte, reduzidos a acessórios e/ou espetáculos religiosos, tornam-se ritos vazios e mágicos. Os sacramentos são reduzidos ao âmbito pessoal (âmbito privado) e ao âmbito cultural (convenção social), de que modo que encontramos: muito sacramento e pouca fé.
41. O contrário, também, se verifica. Muitos cristãos, embora tenham uma vida de fé, não sentem a necessidade dos sacramentos: muita fé, pouco sacramento. O acento religioso se desloca da tradição para o indivíduo, das normas para a subjetividade, da herança adquirida para a escolha. Quando batem à porta da tradição, o fazem a partir de uma afinidade pessoal e pelos benefícios que ela pode oferecer. Já não se sente necessidade de prestar contas a uma tradição religiosa. Uma paisagem eclesial, assim concebida, tipicamente sacramentalista, torna a vida eclesial e pastoral de nossas comunidades reféns de mecanismos humanos e culturais, impostos tanto pelas tradições religiosas (católicas e/ou africanas) quanto pelos mecanismos do próprio capitalismo neoliberal (mercantilização da fé). Num imaginário religioso, desvinculado

de uma vida comunitária-eclesial, observa-se: muito sacramento, pouca iniciação à vida cristã-eclesial.

42. Outro aspecto, possivelmente determinante, sucede do **Porto do Rio Grande, uma das principais portas de entrada e saída da diocese**. A igreja diocesana, demarcada religiosamente pelas suas fronteiras culturais, atualmente encontra-se, pastoralmente, na fronteira do maior centro de atratividade industrial e de um privilegiado contributo para múltiplas oportunidades de empregabilidade. Tudo isso, sem dúvidas, torna-se relevantes pelos seus resultados: atrai investimentos externos, estimula a economia interna, gera nossos empregos, etc. Um potencial econômico, portanto, gerador de novas circunstâncias, sociais e culturais, mas, também, religiosas e eclesiais: modelos antropológicos e culturais são alterados e, concomitantemente, até o próprio cenário religioso é, também, modificado.
43. Deste cenário socioeconômico, surge um novo cenário eclesial e religioso, diferente do habitual. Novas conjunturas (maior mobilidade humana, menor vinculação com espaços delimitados e tradicionais) e novos desafios (novos “tipos” de pobreza; novas expressões e experiências religiosas, diferentes do habitual; etc) impostam-se. Isso exige um novo e maior planejamento pastoral-territorial (descentralização eclesial; reorganização das áreas pastorais; formação de novas paróquias; setorização das paróquias; superação de uma paróquia de modelo associativa, etc), compatível às novas exigências pastorais (formação e renovação das lideranças; maior participação dos movimentos nos projetos pastorais, etc). Tal planejamento deve ser capaz de dar conta dos imperativos da mobilidade humana, que atravessam as fronteiras marítimas e terrestres, de nossa diocese.
44. Nesse sentido, tudo isso requer uma “nova evangelização” e a formação criativa de novas comunidades eclesiais (“paróquias ambientais”, “centros de irradiação”, polos de evangelização, redes de pequenas comunidades, setorização paroquial em unidades territoriais menores, etc). A acolhida aos migrantes irá gerar vida nova nas comunidades e paróquias, não apenas por estes vincularem-se à vida litúrgica, comunitária e pastoral, já existentes, mas também por nos “forçar” a revermos nossos conceitos e posturas já cristalizados com o tempo. Enfim, todos esses e outros desafios enraizados em nosso chão diocesano, ao pessimista irão desestabilizar e, talvez provocar fechamento e medo; aos discípulos missionários de Jesus serão ocasião ou oportunidade de testemunhar a fé que quer ser fiel ao Evangelho (cf. Lc 21,13).
45. Nossa análise de conjuntura sócio-ecclesial-pastoral, desde o berço histórico da igreja diocesana, desenha uma paisagem religiosa, embora muito enriquecedora, infelizmente confusa, frágil e fragmentada. Nela, o apego exagerado às devoções, a procura desenfreada pelos sacramentos e, não raras vezes, **uma mentalidade religiosa clericalista**, não dá a devida resposta aos desafios acima elencados, postos pela cultura vigente. Essa mesma mentalidade clericalista, porém, tem outra faceta, a da falta de compromisso vocacional, a começar dos próprios padres, juntamente com os religiosos e as religiosas. Pouco estímulo é dado para o surgimento das vocações ao sacerdócio e à vida religiosa até mesmo pelos leigos, que têm dificuldade em pensar em um filho

padre ou filha como irmã religiosa, por exemplo. É necessária, cada vez mais, a formação da “cultura vocacional”.

46. O novo cenário socioeconômico, sem sombras de dúvidas, exige uma resposta criativa e evangélica, desde a “*conversão pastoral*” de nossas realidades eclesiais. Entende-se, pois, nessa perspectiva, que a igreja diocesana do Rio Grande, embora ainda jovem, por viver na fronteira entre o passado e o presente, precisa intuir alguma reflexão frente aos novos desafios religiosos, desde o berço eclesial da igreja diocesana. Não conseguiríamos entender nosso presente pastoral senão à luz do nosso passado eclesial. Por tanto, nossas fronteiras históricas, culturais e religiosas, não podem impor-nos limites, “*nossas comunidades precisam ser comunidades diuturnamente mistagógicas, preparadas para permitir que o encontro com Jesus Cristo se faça e se refaça permanentemente*” (DGAE/94, 41).

O Quinquênio e suas perspectivas de ação

47. O Tema Geral do nosso Jubileu:

CRISTO ONTEM. HOJE E SEMPRE: GRATIDÃO E MISSÃO!

O Lema Geral do nosso Jubileu:

“Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!” (MC 16.15)

48. **2017**

Tema:

COM CRISTO SER UMA IGREJA VIVA E MISERICORDIOSA!

Lema:

“Eis-me aqui, Envia-me” (Is 6,8)

49. **Objetivo Geral:** Realizar as Visitas Pastorais Missionárias em toda a Diocese.

50. **Referência:** “Jesus Cristo, o grande missionário do Pai, envia, pela força do Espírito, seus discípulos em constante atitude de missão (Mc 16,15), por meio do testemunho e do anúncio explícito de sua pessoa e mensagem. A Igreja é missionária por natureza. Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se à dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20). Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária. Em cada tempo e lugar, esta missão assume perspectivas distintas, nunca, porém, deixa de acontecer. Se hoje partilharmos a experiência cristã, é porque alguém nos transmitiu a beleza da fé, apresentou-nos Jesus Cristo, acolheu-nos na comunidade eclesial e nos fascinou pelo serviço ao Reino de Deus” (DGAE 35).

51. Compromisso em nível de Diocese: 1) Consagrar, junto ao Coração Mariano da Diocese, o Projeto do Quinquênio, rumo ao Jubileu; 2) Realizar a **Semana da Missionariedade Diocesana**. 3) Realizar as visitas Pastorais Missionárias em toda Diocese fomentando a formação dos Conselhos de Pastoral e Econômico nas paróquias e comunidades.

52. **2018**

Tema:

CRESCER COMO DISCÍPULO DE JESUS EM SUA IGREJA!

Lema:

“Não fostes vós que me escolhestes mas eu vos escolhi” (Jo 15,16)

53. **Objetivo Geral:** Desenvolver uma catequese permanente de inspiração catecumenal através da centralidade do Kerigma.

54. *Referência:* “O estado permanente de missão implica uma efetiva iniciação à vida cristã. Cada tempo e lugar têm um modo característico para apresentar Jesus Cristo e suscitar nos corações o seguimento apaixonado à sua pessoa, que a todos convida para com Ele vincular-se intimamente. “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo”. A mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente. É preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo. “Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (DGAE 41-42).

55. Compromisso em nível de Diocese: 1) Realizar a **Semana Diocesana Catequética**; 2) Relançar a Escola de Formação da Diocese.

56. **2019**

Tema:

ENOCNTRAR JESUS CRISTO ATRAVÉS DA PALAVRA!

Lema:

“A tua palavra é lâmpada para os meus pés” (Sl 119)

57. **Objetivo Geral:** Implantar uma animação bíblica de toda pastoral através da leitura orante da Palavra de Deus

58. *Referência:* Deus se dá a conhecer no diálogo que estabelece conosco. “Quem conhece a Palavra divina conhece plenamente também o significado de cada criatura”. “A Palavra divina, pronunciada no tempo, deu-Se e entregou-Se à Igreja definitivamente para que o anúncio da salvação possa ser eficazmente comunicado em todos os tempos e lugares. [...] Disto conclui-se como é importante que o Povo de Deus seja educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras na sua relação

com a Tradição viva da Igreja, reconhecendo nelas a própria Palavra de Deus”. O discípulo missionário é convidado a redescobrir o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo. “Na alvorada do terceiro milênio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho”. A Igreja hoje tem consciência de que “particularmente as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial”(DGAE 48-49).

59. Compromisso em nível de Diocese: 1)realizar a **Semana Diocesana da Palavra de Deus;** 2) Projeto de setorização das Paróquias para implantação de Grupos de Leitura Orante da Palavra de Deus.

60. **2020**

Tema:

COMUNIDADE: LUGAR DE PERTENÇA E VIVÊNCIA DA FÉ!

Lema:

“ A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32)

61. **Objetivo Geral:** Revitalizar a vida Paroquial, das Comunidades e dos Setores através da elaboração do novo Plano de Pastoral da Diocese

62. *Referência:* “As paróquias têm importante papel na vivência da fé. Para a maioria das pessoas a relação com a Igreja se dá através das paróquias. Em vista da conversão pastoral que a missão hoje exige, elas precisam tornar-se cada vez mais comunidades vivas e dinâmicas, capazes de propiciar a seus membros uma real experiência “de discípulos e missionários de Jesus Cristo, em comunhão”. Assim haverão de se tornar mais próximas das pessoas sendo âmbitos de viva comunhão, participação e missão. A busca sincera por Jesus Cristo faz surgir a correspondente busca por diversas formas de vida comunitária. Alimentadas pelo pão da Palavra e da Eucaristia, articuladas entre si, na partilha da fé e na missão, estas comunidades se unem, dando lugar a verdadeiras comunidades de comunidades” (DGAE 56-57).

63. Compromisso em nível de Diocese: 1) Realizar a **Semana da Unidade das Paróquias, Comunidades e Setores;** 2) Assembleias Paroquiais para preparação do Novo Plano de Pastoral da Diocese.

64. **2021**

Tema:

LOUVAR O DEUS DA VIDA QUE NOS LEVA À PLENITUDE!

Lema:

“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)

65. **Objetivo Geral:** Celebrar o Jubileu das forças vivas da Diocese: “Memória agradecida e olhar esperançoso”.
66. *Referência:* “Através da promoção da cultura da vida os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé naquele que veio dar a vida em resgate de todos, comprometendo-se de modo especial com os pobres e, em vista da construção de uma sociedade justa e fraterna. Contemplando os diversos rostos de sofredores, especialmente os resíduos e “sobras” o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destroçado, flagelado (Is 52,13ss). Seu amor por Jesus Cristo e Cristo Crucificado (1Cor 1,23-25) leva-o a buscar o Mestre em meio às situações de morte (Mt 25,31-46). Leva-o a não aceitá-las, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida. O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de nascer, seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Torna-se, deste modo, alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente, reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, envelhecer e morrer naturalmente, crer e manifestar sua fé” (DGAE 64-65).
67. Compromisso em nível de Diocese: realizar **3º Congresso Eucarístico Diocesano**.

Conclusão

68. A Diocese do Rio Grande é a porção do Povo de Deus confiada ao seu bispo, para que apascente, com a colaboração do presbitério, de tal modo, que unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo, por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja Particular, na qual está e age a Igreja de Cristo, Una, Santa, Católica e Apostólica (cfr. CD 11).
69. Nossa Diocese do Rio Grande é o lugar natural onde se vive concretamente a vida e a missão eclesial. Nela, queremos tornar o Jubileu de Ouro um momento de vivência e celebração. Sem sombra de dúvida, um momento de todo o povo de Deus colaborar com o Espírito Santo para que sua ação seja eficaz e santificadora.
70. A Diocese é o lugar e fonte, eixo e referência para encarnar o projeto de Deus: seguir Jesus Cristo, viver a comunhão eclesial e realizar a missão evangelizadora, que nos foi confiada. Exultamos de alegria no Senhor (cf. Lc 1, 46-47) pelos dons e carismas que aqui nasceram e se desenvolveram e hoje continuam a agir segundo a graça de Deus pelo bem da Igreja enriquecendo a diversidade de dons (1Cor 12, 4-11).
71. Desse modo, somos chamados a testemunhar nossa conversão pastoral, dentro da Diocese, através de uma pertença à vida comunitária e paroquial, sinal de comunhão e participação.

72. Nesta perspectiva, durante o período de preparação ao Jubileu, a vida de nossas paróquias poderá se converter em comunidade de comunidades, a medida que, paulatinamente, forem implantadas as seguintes ações:

- a) Formar pequenas comunidades a partir do anúncio querigmático, unidas pela fé, esperança e caridade;
- b) Meditar a Palavra de Deus pela Leitura Orante;
- c) Celebrar a Eucaristia, unindo as comunidades da Paróquia;
- d) Organizar retiros;
- e) Estabelecer o Conselho de Pastoral Paroquial e o Conselho de Assuntos Econômicos, garantindo a comunhão e participação;
- f) Valorizar o laicato e incentivar a formação para os ministérios leigos;
- g) Acolher a todos, especialmente os afastados, atraindo-os para a vida em comunidade, expressão da missão;
- h) Viver a caridade e fazer a opção preferencial pelos pobres;
- i) Estimular que a igreja matriz e as demais igrejas da paróquia tornem-se centros de irradiação e animação da fé e da espiritualidade e sejam o local de atuação de todos os movimentos e comunidades de vida;
- j) Dar maior atenção aos condomínios e conjuntos de residências populares;
- k) Garantir a comunhão com a totalidade da diocese;
- l) Utilizar os recursos da mídia e as novas formas de comunicação e relacionamento;
- m) Ser uma igreja “em saída missionária”. (Doc.100 , 319)

73. Pedimos que São Pedro Apóstolo possa nos inspirar palavras e ações para bem conduzir e realizar tudo o que estamos nos propondo rumo ao Jubileu. Ele, que venceu os medos e superou seus próprios limites, entregou-se como mártir por amor a Jesus Cristo. Ele, que como pescador sabe bem da realidade que vivemos rodeados pelas águas que nos sustentam e são nossa identidade. Pedimos a São Pedro que caminhe conosco.

74. Nesta caminhada, dentro de nossa Igreja Particular, Nossa Senhora de Fátima ocupa um lugar todo especial. Queremos consagrar a ela esse projeto e todo o processo de implantação que será realizado nos próximos cinco anos. Nossa Senhora, Mãe de Deus, e nossa Mãe, esteja à nossa frente: abrindo portas, apontando caminhos e intercedendo, junto de seu Filho Jesus, por todos os discípulos missionários, para que todos tenham vida.

ABREVIATURAS e REFERÊNCIAS

DGAE Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora

EG Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco

MV Bula *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco

AAS *Acta Apostolica Sedis*

AD Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja

RMI Carta Encíclica *Redemptoris Missio* do Papa João Paulo II

DPb Documento de Puebla

EN Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI

DAP Documento de Aparecida

DV Decreto *Dei Verbum*

CD Decreto *Christus Dominus* do Papa Paulo VI

Doc. 100 da CNBB: Comunidade de Comunidades

Doc. 105 da CNBB: Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade